

AS QUATRO ESPÉCIES (*LULAV*) NA FESTA DE SUKKOT

Paulo Antônio Alves, Religioso da Congregação de Nossa Senhora de Sion; doutorando em Teologia, na área de Bíblia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, *Campus Ipiranga*. Licenciatura plena em Filosofia pela UNIFAI e em Letras pela Universidade Braz Cubas. Docente do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ).*

Lucas de Andrade Flor Santos, Noviço da Congregação de Nossa Senhora de Sion; graduado em Filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM); discente do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ).*

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar o rito do *Lulav* e sua simbologia dentro da festa de *Sukkot*. Propõe uma visão geral do tema, no que tange à sua história e à sua prática. O *Lulav* é fruto da experiência de fé do Povo de Israel ligada à festa de *Sukkot*: “a festa do Senhor” (Lv 23,39.41). O seu cenário é escatológico. Para a Teologia cristã, Jesus também vive e cumpre, na sua totalidade, as exigências e a compreensão da festa e de seus ritos, conforme apresentado no quarto Evangelho atribuído a João. Lembramos aqui que o rito do *Lulav* não aparece explicitamente no Novo Testamento, mas nele é possível encontrar traços desse rito.

Palavras-chave: Quatro Espécies (*Lulav*). *Sukkot*. Água Viva.

ABSTRACT

Le présent article cherche à présenter le rite du *Lulav* et sa symbolologie au sein de la fête de *Sukkot*. Il propose un survol du thème, aussi succinct soit-il, une présentation de son histoire et de sa pratique. Ce qui place le peuple dans l’expérience divine, car c’est “la fête du Seigneur” (Lv 23,39.41). Son scénario est eschatologique. Pour la Théologie chrétienne, Jésus, lui aussi, vit et remplit pleinement les exigences et la compréhension de la fête et de ses ritos, afin d’être lui-même la plénitude de la fête, telle que présentée par Jean dans l’Évangile qui lui fut attribué. Rappelons, enfin que ce rite de *Lulav* ne présente que quelques traces implicites dans le Nouveau Testament.

Mots-clés: Quatre Espèces (*Lulav*). *Sukkot*. Eau vive.

* E-mail: paulobalves74@gmail.com

* E-mail: sb.lucas.sj@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa não busca fechar o espaço para o debate, nem para o seu objeto de pesquisa, mas quer contribuir para uma primeira compreensão do rito do *Lulav*¹ e de sua importância, mostrando que ele é símbolo de união e de fraternidade, em um horizonte de universalidade. Cada uma das Quatro Espécies tem seu significado simbólico, recordando essencialmente que o homem depende do solo; também recorda suas obrigações com Aquele que faz a terra entregar suas dádivas. No rito do *Lulav*, encontramos as duas dimensões do ser humano: a vertical e a horizontal: terra e céu.

O *Lulav* se situa na terceira e última festa de peregrinação, *Sukkot*,² celebrada cinco dias depois de *Yom Kippur*.³ Durante oito dias recorda-se que, no deserto, o povo hebreu habitava em cabanas, a caminho da Terra de Israel, terra do leite e do mel (Ex 3,17). *Sukkot* tem também um sentido agrícola. Ela está ligada ao término das colheitas em Israel, isto é, no fim do verão. É o tempo da colheita e do armazenamento. *Sukkot* é o ponto culminante onde o ano judaico encontra o seu ocaso. É um momento de ver Deus e, ao mesmo tempo, ser visto por Ele (Ex 23,17). E, nesse momento, “no lugar fixado por Deus, os três elementos principais se encontram: Deus, a comunidade e o produto da terra” (PASSETO, 2022, p. 20-25).

Os gestos humildes acompanhados de orações -, transmitidos de geração em geração até hoje, exprimem a fé de um povo que sabe de qual escravidão foi tirado e qual salvação total e definitiva pode esperar, com toda a humanidade. O povo faz a experiência de habitar com o Senhor. O Criador e a criatura se encontram, isto é, o homem está sob a proteção exclusiva de Deus. A criatura não se distancia, mas o Divino a afaga com carinho, bem como toda a criatura (cf. Sl 33,5)⁴, engendrando nela uma indizível alegria. É anunciada uma plenitude que, a cada ano, sente-se antecipada com sua celebração.

Diante de tudo isso, há uma relação entre as Quatro Espécies e a alegria perante Deus, já que qualquer pessoa que vê o *Lulav* se alegra, pois a sua natureza, sua beleza e o seu significado alegram os corações das pessoas. Assim, enquanto a alegria de *Sukkot* introduz uma relação unificadora de dar e receber, entre vários segmentos da comunidade de Israel, as Espécies levam essa unidade, a um passo adiante onde, apesar das disparidades, todos são um. Assim como Deus é Um, os homens também se tornam um. No plano da história, é o desabrochar escatológico de uma salvação inaugurada em *Pessah*,⁵ interiorizada em *Shavu'ot*,⁶ que agora atinge, além de Israel, as nações em *Sukkot* (PASSETO, 2022). Tal interpretação oferece um vínculo fundamental no caminho de Jesus, aprofundando os ensinamentos do Rabi de Nazaré.

1 Nome hebraico para palmeira. Tal nome é usado para representar as Quatro Espécies usadas na festa de *Sukkot*. Aprofundar-se-á esse termo no decorrer desta pesquisa.

2 Festas das Tendas ou das Cabanas, como se verá mais à frente.

3 *Yom Kippur* - Dia do Perdão. É a festa mais sagrada do judaísmo. Em *Yom Kippur*, não se busca apenas o perdão divino, mas também o perdão humano. Busca-se a reconciliação com o próximo. Nesse dia, todas as tarefas estão proibidas e durante o dia se faz jejum completo. São vinte e quatro horas de penitência, purificação dos pecados e orações. Segundo Sobel (1983, p. 154) a Lei ordena a começar a construir a *Sukká* assim que se volta para casa depois dos serviços de *Yom Kippur*, antes mesmo de se quebrar o jejum. Isso para mostrar que quando o judeu está espiritualmente elevado, o mundo precisa mais dele. Não há um minuto a perder!

4 Estamos nos servindo da numeração hebraica dos Salmos e não da grega.

5 Festa da Páscoa.

6 *Shavu'ot* - é a Festa das Semanas (Lv 23,15-16). Cinquenta, em grego, é “Pentecostes”. Foi em *Shavuot* que aconteceu o primeiro Pentecostes cristão (At 2,1). Ver também: MAISONNEUVE, 2019, p. 102-104.

Compreender esse contexto histórico, litúrgico e teológico da festa de *Sukkot* é fundamental para se entender a vida e a missão de Jesus, que leva *Sukkot* à sua plenitude, a partir da leitura cristã de cumprimento. Jesus cumpre a espera messiânica anunciada pelos profetas e que está presente na teologia da festa de *Sukkot*.

As Quatro Espécies do e no rito do *Lulav*

O rito do *Lulav* está ligado a uma prescrição da *Torah*⁷. O livro do Levítico⁸ ensina que, na celebração de *Sukkot*, sejam colhidas Quatro Espécies de plantas. Eis como está escrito no terceiro Livro da *Torah*: “tomareis frutos da cidreira, ramos de palmeira, ramos de mirto e de salgueiro dos riachos, e vos regozijareis durante sete dias na presença do Senhor vosso Deus” (Lv 23,40).⁹ Assim, a *Mishná*¹⁰, baseado na Escritura, formulou e transmitiu os diversos mandamentos da festa, guardados preciosamente na memória e na prática do povo: “O *Lulav* é tomado (nas mãos) e o altar é circundado junto com o ramo de salgueiro por seis ou sete dias (...)” (*Mishná, Sukká* 4,1). Esse é o sentido dessa *Mitzvá*. O nome *Lulav* deriva, via metonímia, da reunião das Quatro Espécies vistas acima; por isso, também é conhecido sob o nome de *Arba`á Minim*, isto é: Quatro Espécies, em sentido literal. Três delas ficam reunidas num feixe: o *Lulav*, palmeira ou tamareira; a *Hadáss*, murta e a *Aravá*, o salgueiro ou chorão; um componente é levado separado: o *Etrog*, a cidra. E essas Quatro Espécies, reunidas pelo ser humano manualmente, formam ou falam ou anunciam uma unidade simbólica. De acordo com o Rabino Sobel (1983), é com base nessa instrução que os sábios de Israel deduziram tal unidade das Espécies e a Tradição consagrou que a cada dia da Festa de *Sukkot*, com exceção da *Shabbat*,¹¹ seja feita a *Mitzvá Arba`á Minim*.

A multiplicidade das plantas na unidade do *Lulav*

A diversidade das Quatro Espécies, que formam uma unidade, simboliza, antes de tudo, a colheita de outono, pois quando agitadas, exprimiam o louvor ao Criador e o pedido de novas chuvas para as novas colheitas. São plantas com características diferentes ou múltiplas, significando também os quatro tipos dos filhos e filhas de Israel que constituem o povo em sua diversidade e em seu desejo de unidade, bem como em todas as nações. São elas, segundo o texto de *Wayikra` Rabá* 30,12:¹²

- a) Etrog** - parecido com um grande limão; essa fruta cítrica tem cheiro e sabor, isto é, saboroso e perfumado, simbolizando a pessoa que estuda a *Torah* e pratica as *Mitzvot*.¹³ É a pessoa culta, que procura ajudar o

7 *Torah* - especificamente os “Cinco Livros de Moisés” ou a “Lei de Moisés” - ou simplesmente o conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, isto é, o Pentateuco.

8 O Levítico, nome que deriva da tradução grega da *Torá* ou Septuaginta, é conhecido em hebraico como *Wayikra`*, isto é: “e chamou” (Lv 1,1).

9 Tradução literal do hebraico (RASHI, 2016, p. 277-278).

10 Literalmente significa: Repetição. Código de leis civis e religiosas compiladas por volta do ano 200 e.C.

11 *Shabbat* - sétimo dia da semana, sábado; é o Dia Santificado; é a Festa das festas. Em hebraico, *Shabbat* ora aparece no feminino e ora no masculino. Isso também acontece na Liturgia judaica. Aqui optamos pela forma literal feminina da palavra a qual traz a letra: ך - *tav* em sua formação lexical. A letra ך é uma das três formas para se identificar uma palavra feminina em hebraico.

12 Conjunto de *midrashim* sobre o Levítico.

13 Plural de *mitsvah*: mandamento. Deriva da raiz verbal: *Tsaw*, isto é: ordenar, mandar, conduzir.

próximo e possui inteligência e bondade. Assim, em Israel, há pessoas que, ao mesmo tempo, estudam e fazem boas ações.

- b) **Lulav** - é um ramo de tamareira, uma espécie de palmeira, cujo fruto é delicioso (tâmara). Tem sabor, mas não tem fragrância/perfume, representa a pessoa que conhece a Torah, mas não cumpre os mandamentos. É a pessoa que tem cultura, mas não ajuda ninguém; que possui inteligência sem bondade. Assim, em Israel, há pessoas que estudam, todavia não realizam boas ações.
- c) **Hadáss**, em português, chama-se murta - ela possui cheiro, mas não sabor, ou seja, é perfumada, contudo não tem frutos comestíveis. Ela se assemelha à pessoa que pratica as Mitzvot embora não estude a Torah. É aquela pessoa inculta que procura ajudar o próximo; que possui bondade sem inteligência. Assim, também há no povo de Israel pessoas que fazem boas ações, entretanto não estudam.
- d) **Aravá** - é a folha do salgueiro ou chorão, que não tem frutos nem fragrância, isto é, não tem cheiro nem sabor. Simboliza o ser humano, que desconhece os ensinamentos e não pratica boas ações. Representa o ser humano sem cultura e sem a vontade de ajudar; que não possui nem inteligência e nem bondade; assim em Israel, há pessoas que nem estudam e nem fazem boas ações.

Representam-se, desse modo, as diversas categorias de Israel e do gênero humano que, por mais diferentes que sejam uns dos outros, constituem uma única e mesma realidade. O sabor simboliza a cultura, a inteligência; o cheiro representa a bondade, a iniciativa de ajudar o próximo. Eis o que o Rabino Sobel (1983, p.156) comenta:

Apesar de serem tão diferentes entre si, as Quatro Espécies devem estar presentes e juntas no molho de *Sukkot*. Assim também, os quatro tipos de seres humanos devem permanecer juntos, para que os virtuosos complementem aqueles que carecem de virtudes. A proteção de Deus se estende sobre todos os homens, desde os mais dotados até aqueles que aparentemente não têm nenhum mérito.

Segundo o Rabino Benjamin Blerch (2004), esse ritual mostra que todas as Quatro Espécies devem estar juntas para serem abençoadas. Nenhuma delas pode ser deixada de lado; ninguém pode ser excluído como “desnecessário” ou “excessivo”. As Três Espécies imperfeitas - o *Lulav*, a *Aravá* e a *Hadáss* - devem ser seguradas juntamente com o *Etrog*, do mesmo modo que todos os seres humanos devem ser considerados. Os menos preparados estejam em conjunto com aqueles que lhes podem ajudar, inspirando-os a melhorarem.

Partindo da compreensão de *mSuk* 3,12,¹⁴ juntas as Quatro Espécies simbolizam a unidade do povo de Israel, isto é, a união do povo em torno do Senhor em profunda alegria. Destarte, o cumprimento da *Mitzvá* das *Arba`á Minim* faz alçar as coisas mais elevadas como, por exemplo, a *Simhá*, o júbilo diante de Deus por tudo o que Ele concede. Portanto, a alegria de *Sukkot* introduz um relacionamento unificante de reciprocidade entre todos, e as Quatro Espécies conduzem essa unidade a um passo adiante, integrando todos numa só identidade. Neste sentido, assim como Deus é Um, a união das Quatro Espécies é para que o Povo de Israel e/ou a humanidade seja uma unidade como deseja o Cristo (Jo17,11.21), ou seja: de ser semelhante a Deus, de ser imagem de Deus, isto é, a reunião da criatura com seu Criador. Sem a unidade, em Deus, não há relação de identidade e, sem identidade, não há autêntica

¹⁴ Um ensinamento ou *mishná* acerca da festa de *Sukkot*.

humanidade e alteridade, isto é, ser unido ao outro é estar unido a Deus. Por isso, ao segurar nas mãos as *Arba`á Minim*, reitera-se que, apesar da diversidade, todos são um. O local privilegiado desse encontro era o Templo, morada da Presença do Senhor¹⁵ (ARAUJO, 2011). Por isso, são balançadas na direção dos quatro cantos do mundo para mostrar que a missão de Israel é ser “uma luz entre as nações” (Is 49,6), levando sua sabedoria a toda a humanidade e convidando a todos a tornarem-se uma unidade na sua diversidade humana.

Desse modo, a unidade das Quatro Espécies também se refere a diferentes partes do corpo, cada membro formando um só corpo, cada indivíduo formando uma só unidade. Quando se segura o feixe do *Lulav*, durante a festa de *Sukkot*, e recita-se bênção própria, que será vista à frente, é como se sujeitasse o coração, os membros do corpo, as faculdades de visão e fala à vontade de Deus (ALPER, 2020). É como se declarasse diante de Deus: tudo que me é dado Te pertence, e alegre-me apenas em Ti nessa festividade. Isto é, cada *Arba`á Minim* se relaciona com um membro particular pelo qual se deve servir a Deus. O *Etrog* refere-se ao coração, o lugar do entendimento e da sabedoria. Palma refere-se à espinha dorsal, retidão. A murta corresponde aos olhos, iluminação. O salgueiro representa os lábios, o serviço dos lábios, a oração. O Rabino Saadia Gaon diz que cada um expia os pecados relacionados com essas partes do corpo. Depois de arrepender-se durante o mês de *Elul*, tendo sido julgado, em *Rosh Hashaná* e expiado os pecados em *Yom Kippur*, o *Lulav* súplica a expiação por todos eles. O Rabino Saadia Gaon esclarece que o *Etrog* expia pelos maus sentimentos que se teve, o *Lulav* expia pelo orgulho, o *Hadáss* por ter olhado coisas proibidas e a *Aravá* por falar *Lashon Hará*¹⁶ (ALPER, 2020).

Outra interpretação busca uma analogia com a história do povo judeu, dando-lhe o sentido dos quatro patriarcas: Abraão, Isaac, Jacó e José, ou das quatro matriarcas: Sara, Rebeca, Raquel e Lia. São sempre os fundamentos, os pilares do povo, que lhe servem de referência e o mantêm existindo, base de sua história (DE VAUX, 2003). Assim como a imponente palmeira seria a época dos reis e profetas; a murta fragrante, a era talmúdica da sabedoria; o melancólico salgueiro chorão os séculos de perseguição e exílio; o *Etrog*, aromático e belo, simboliza a esperança do porvir divino (SOBEL, 1983).

De acordo com Araújo (2011), as Quatro Espécies, que formam o *Lulav*, simbolizam algum rito antigo de fertilidade, no qual as *Arba`á Minim* juntas evocavam: vida, vegetação, fertilidade e umidade. Unidas serviam como uma espécie de amuleto que estimulava o crescimento das plantações, sugerindo, ainda, que o *Lulav* simbolizava o poder da fertilidade e, como consequência, o poder de Deus. Neste sentido, o *Lulav* simboliza também a riqueza da terra de Israel. Quando as Quatro Espécies estão reunidas, além de simbolizarem todas as pessoas do povo de Israel, com suas particularidades, também se unem às diferentes áreas da terra de Israel. *Aravá* e *Etrog*, pois precisam de muita água para crescer; o *Lulav*, a palmeira, precisa de calor e um clima seco, o *Hadáss* também precisa de frio. Assim, também a terra de Israel tem um papel importante e todos os seus lugares, a praia, as fontes, o deserto e as montanhas unem-se para que se possa cumprir essa *mitzvá* especial.

Dessa forma, tomando nas mãos o *Lulav*, o poder de vida passava à pessoa humana e, pela mediação de uma procissão, para o Templo, para a cidade e para o país. Por fim, outros estudiosos, adotando a perspectiva rabínica,

15 *Shekhiná*. Essa manifestação da divindade é, para o Cristianismo, o Divino Espírito Santo.

16 *Lashon hará* literalmente, segundo *Shulhan Arukh Harav, Orah haim* 156-10, significa “conversa má”. Fazer *lashon hará* é fazer fofoca, isto é, falar mal de outra pessoa sem que ela esteja presente, ou seja, é proibido falar negativamente sobre outra pessoa.

concebem o *Lulav* como uma espécie de relicário evocatório de chuvas. O Tratado *mSuk* 3,12 lembra que, após a queda do Templo de Jerusalém, nas outras localidades, o *Lulav* era usado em memória do Templo.¹⁷

Confecção do *Lulav* e sua *berakhá*

As Três Espécies de ramos são unidas, formando o feixe da festa, primeiramente, amarra-se num só feixe o *Lulav*, o *Hadáss* e o *Aravá*, usando as tranças das próprias plantas. Com a mão direita, segura-se esse feixe e com a mão esquerda, segura-se o *Etrog*. Vale ressaltar que as Quatro Espécies são frequentemente referidas sob o termo inclusivo *Lulav*, uma vez que o *Lulav* é o maior e a Espécie que mais se destaca visivelmente, como visto acima. Desse modo, quando a *mitzvá* diz que se deve acenar o *Lulav*, na verdade, refere-se a acenar todas as *Arba à Minim*: palmeira, salgueiro, murta e a cidra. Além disso, quando se alude ao *Lulav* e ao *Etrog*, faz-se referência a todas as Quatro Espécies, incluindo o salgueiro e a murta.

Esse rito foi celebrado no período do Templo e continua até hoje. Ele foi ampliado pois, com a ausência do Templo, ele fala da presença d'Aquele de quem o Templo era o sinal, e que deve ser buscado mais ainda pelo fato do Seu "Sinal ter desaparecido". Isso é ensinado no texto do *TB Sukká* 41a, como segue abaixo:

MISHNA: Originalmente, durante a era do Templo, o *lulav* era levado ao Templo por sete dias, e no resto do país, fora do Templo, era levado por um dia. Uma vez que o Templo foi destruído, Rabban Yoḥanan ben Zakkai instituiu uma ordenança que o *lulav* deveria ser levado mesmo no resto do país por sete dias, em comemoração ao Templo(...).

GEMARA: A Gemara pergunta: De onde derivamos que instituímos ordenanças em comemoração ao Templo? Rabban Yoḥanan disse que é como o versículo declara: "Pois restaurarei a saúde para vocês e curarei suas feridas, diz o Senhor; porque te chamaram de pária, ela é Sião, não há quem a busque" (Jeremias 30:17). Do fato de que o versículo afirma: "Não há quem a busque", pode-se aprender por inferência que requer busca, ou seja, as pessoas devem pensar e lembrar do Templo. Essa é a razão da ordenança de Rabban Yoḥanan ben Zakkai .

Se o Senhor se queixa pela boca do profeta Jeremias que *Sion*¹⁸ não é mais buscada, é porque se deve buscá-la. Procurar *Sion*, é procurar o Senhor, cujo Templo abrigava sua presença. É a memória do Templo, que sustenta Israel até que o Senhor retorne a *Sion*, para nela estabelecer sua morada. Esse memorial é concretizado, entre outros modos, pelo rito do *Lulav*, que agora deve ser realizado por todos e em todos os lugares. Como todo rito, esse também, a seu modo, torna presente o Senhor, recordando o Templo onde residia a *Shekhiná*. Eis a *berakhá*¹⁹ antes de realizar a *mitzvá* do *Lulav*: "Bendito seja o Senhor nosso Deus, Rei do universo, que nos santificou com seus mandamentos e ordenou-nos (de levantar) o *Lulav*".

Ao fazer a bênção das Quatro Espécies, pela primeira vez, recita-se a seguinte bênção, após a bênção anterior, antes de juntar o *Etrog* com o *Lulav*: "Bendito és Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos deste a vida e nos

17 Para melhor compreender esse contexto, ver o livro, OLITZKY, 2000.

18 *Sion* - em sentido literal é uma colina que se denomina Jerusalém, isto é o Monte Sião. Falar *Sion* é remeter ao Templo do Senhor, local escolhido por Deus para ali fazer a sua Tenda ou Morada.

19 Bênção. Oração de ação de graças.

mantiveste e fizeste-nos chegar até à presente época”. O *Talmud*²⁰ também afirma sobre o *Lulav*: que balançá-lo para frente e para trás é para evitar os ventos prejudiciais; e para cima e para baixo, a fim de evitar orvalhos nocivos, pois *Sukkot* é a época do julgamento da água da chuva para todo o ano.

Fiéis à prescrição de Levítico 23,40, os peregrinos iam ao Templo de Jerusalém portando nas mãos as Quatro Espécies e, sob o canto do *Hallel* (Sl 113-118), agitavam-nas na direção dos quatro pontos cardeais, isto é, juntando as *Arba`á Minim* com as mãos e recitando uma *berakhá* especial. O *Hallel* é um conjunto de Salmos cantados, cujo objetivo é o louvor dirigido ao Senhor, que libertou Israel da escravidão do Egito e que libertará a nação judaica na plenitude dos tempos messiânicos (JACOBSON, 2003).

O *Hallel* é recitado durante o cumprimento da *mitzvá* do *Lulav*, que acontece antes da leitura da *Torah*. Eis a *berakhá*, antes da recitação do *Hallel*: “Seja Bendito o Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste por seus mandamentos e nos ordenaste de recitar o *Hallel*”, onde, durante a *berakhá*, agitam-se as Quatro Espécies para a direita, para a esquerda, para a frente, para cima, para baixo e para trás, sendo que cada suave chacoalhar do *Lulav* é constituído de três movimentos. O *Talmud* explica o significado desses movimentos:

São movidas para frente e para trás, para Aquele a Quem pertencem as quatro direções; para cima e para baixo para Aquele de Quem são Céus e Terra. Isto significa que as Quatro Espécies são uma alusão a D’us ter criado toda a existência e que não há nada além d’Ele. (TB *Sukká*41a)

Assim, demonstra-se que Deus está por toda parte. Do Templo, esse rito passou para a sinagoga e para a *sukká*, onde ainda é feito: é um dos ritos mais festivos e populares, cheio de ricos simbolismos de sabedoria (DI SANTE, 1989). No balanço do *Lulav*, em um nível básico, há o despertar da alegria, da ação de graças e louvor a Deus no momento da colheita final dos frutos (cf. *Sefer ha-Hinukh*, 285). As direções são simbólicas, aludem a ação do Criador sobre a natureza. Há, nesse chacoalhar das espécies, a representação da fertilidade da terra e do desejo de chuva. Isso também é representativo da imersão completa nessa Festa. De certo modo, é esse estar cercado pela *sukká*. E, em outro nível, por meio do movimento de trazê-lo para perto de si, *Sukkot* entra em cada indivíduo que o balança. O *Lulav* torna-se um canal de *shalom-paz* e presença de Deus em todas as direções; transcendência e imanência.

O contexto do rito do *Lulav*: a Festa de *Sukkot*

O *Lulav* está situado dentro de uma festa específica do povo de Israel, como já visto, chamada de *Sukkot*²¹ a qual é uma das três festas de peregrinação²² prescritas pela *Torah*²³ (cf. Ex 23,16-17; Lv 23,33-36; Nm 29,12-39; Dt 16,13-16).

O nome dessa festividade pode ser traduzido como “cabanas”, “tendas” ou “tabernáculos”. Ou seja, a cabana é

20 *Talmud*, significa literalmente “estudo”. É a mais importante coleção da Tradição Oral judaica de interpretação da *Torá*.

21 *Sukkot* significa ‘cabanas’ em hebraico. Cada cabana se chama *sukká*.

22 As festas de peregrinação estão situadas no contexto das atividades agrícolas, assim como a produção está ligada à subsistência do homem, as festas de peregrinação assumem essas manifestações e estabelecem a relação direta da intervenção de Deus.

23 As festas da *Torah* são todas sem trabalho, pois são dias santificados, são dias festivos para o Deus a quem se devia oferecer sacrifícios precisos. O valor das festas provém do fato de que elas são, em primeiro lugar, para Deus; independentemente da fé e do desejo de cada indivíduo. Elas excluem o trabalho por meio do qual o ser humano se torna mestre e proprietário, enquanto que as festas anunciam o reconhecimento de que tudo foi criado e, portanto, provém de Deus. E, como as festas são para Deus, elas são, em sua maioria, dominadas pela alegria que Deus nela coloca, além da participação humana. E essa alegria aparece de modo especial na festa de *Sukkot*.

uma espécie de abrigo que não é permanente, mas temporário. A *sukká* conota uma certa fragilidade, cuja construção obedece a certas normas tradicionais. “Ela deve ter pelo menos três paredes, com um teto de palha ou folhagem, por meio do qual se possam entrever as estrelas” (SOBEL, 1983, p. 153). Habitareis durante sete dias em cabanas. Todos os naturais de Israel habitarão em cabanas, para que os vossos descendentes saibam que eu fiz os filhos de Israel habitar em cabanas, quando os fiz sair da terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus (Lv 23,42-43).

O cumprimento do mandamento da *sukká*, durante a Festa de *Sukkot*, ensina ao fiel como se libertar das amarras das posses terrenas, pois para muitos representam a base da vida e a âncora para as esperanças vindouras. Tal mandamento da *sukká* ensina a humildade perante a riqueza material e a confiar em Deus mesmo que não possua tal riqueza.

Sukkot é a festa, “por excelência”, das festas de peregrinação e da colheita do ano. Um terceiro nome dado para essa festa é simplesmente: *Hag* - festa, pois está prescrito: “e vós guardareis a festa do Senhor durante sete dias” (Lv 23,39; Nm 29,12; Dt 16,14; Ne 8,14,18; Ez 45,25; 1Rs 8,2.65). Diferentemente de *Pessah* -, quando os peregrinos devem retornar para casa, após o primeiro dia, para iniciar a primeira colheita, - em *Sukkot*, o povo já colheu seus produtos antes da festa e dispõe de tempo para celebrar todos os sete dias em Jerusalém, alegrando-se e festejando.

A festa de *Sukkot* marca também o fim do período do brilho do sol, de inverno. Marca o fim do brilho da luz e o início do período dos dias mais escuros em que a noite assume o domínio sobre o dia, isto é, as trevas se sobrepõem à luz. “É o tempo de recolher, de plantar, é tempo de germinar, de esperar, nada é assegurado, tempo de depender de” (PASSETO, 2022, p. 20). Nesse sentido, compreendemos melhor, o porquê de Jesus, no evangelho segundo João, fazer a seguinte declaração no contexto da festa de *Sukkot*: “De novo, Jesus lhes falava: ‘Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida’” (Jo 8,12).

Alguns comentaristas, como Flávio Josefo e Sobel, explicam que a *Torah* ordena que o povo habite nas *Sukkot* durante a festividade, para relembrar as cabanas nas quais o Povo de Israel habitou durante os longos 40 anos em que viveu no deserto, e que lhes deu abrigo e proteção. Também as Tendas podem simbolizar as milagrosas *Ananei HaKavod*, as Nuvens de Glória, que conduziram, abrigaram e protegeram os filhos e as filhas de Israel durante aqueles anos.

Josefo comenta que, em Levítico 23, no décimo quinto dia do sétimo mês, *Tishrei*, do calendário judaico, uma festa de sete dias: “aproximando-se o inverno, foi dada ao povo ordem de firmar bem as suas tendas e os seus pavilhões, cada um segundo as suas famílias, para que pudessem resistir ao vento, ao frio e às outras intempéries dessa triste estação” (JOSEFO, 2017, p. 182-183). Sobel (1983) confirma que os judeus mais observantes permanecem em sua *sukká* dia e noite, durante uma semana. Outros fazem apenas as refeições na cabana, o que representa a vida real. Nada além de Deus, protegendo seu povo a cada movimento. Um mínimo de observância consiste em recitar o *Kidush*²⁴ e comer um pedaço de pão na *sukká* na primeira noite da festividade.

Quer *Sukkot* se refira às Tendas, quer às Nuvens de Glória ou a ambas, trata-se de uma festa, que recorda a

²⁴ *Kidush* – literalmente: santificação. Oração recitada sobre o vinho, santificando a *Shabbat* e os outros feriados religiosos. Expressa a gratidão de Israel a Deus, agradecendo-lhe o ter com a sua benevolência, dignificado o povo de Israel.

proteção e o abrigo doados pelo Eterno ao Povo de Israel no deserto do Sinai. A morada frágil fala da condição temporária da condição humana (Hb 11,13-16). É uma festa universal, que se pode ilustrar com Zc 14 e que representa o dia do Senhor como uma grande festa das cabanas, onde todas as nações estão convidadas a subir ao Templo.

A Festa de *Sukkot* é caracterizada por uma grande alegria popular, que se estende por sete dias e termina num oitavo (Jo 7,37), chamado de *Simhat Torah*, “A Alegria da Torá”. Se a palavra-chave em *Pessah*, isto é, da Páscoa, é êxodo/liberdade; a de *Shavu’ot* ou Semanas é o Dom da Torá ou *Matan Torah*. A palavra-chave ou expressão-chave de *Sukkot* é a alegria da *Torah*, como está dito explicitamente na bênção central da *Tefillá* (DI SANTE, 1989).

Os rabinos explicam, através de uma bela alegoria, a relação entre os dois dias do feriado. “*Atzeret*” deriva da palavra “*atzar*”, que significa “reter”. *Shemini Atzeret* é o convite que Deus fez ao Seu povo, no final da semana de *Sukkot*, para que ficasse com Ele mais um dia (*shemini*, o oitavo dia). Receber tal convite sem emoção seria submeter-se passivamente ao chamado divino. Assim, *Simhat Torá* é a nossa resposta, é o nosso meio de mostrar a Deus o quanto nos sentimos felizes por permanecer em Sua presença, e o quanto nos regozijamos com a Torá que Ele nos deu. É um dia marcado pela espontaneidade, amor, alegria, música e dança. (SOBEL, 1983, p. 158)

Ela é o remate de dois ciclos de festas do calendário litúrgico da Bíblia²⁵: de um lado, dá sequência às celebrações da saída do Egito; de outro, dá continuidade à Revelação do Sinai, constituindo a Terceira Festa de Peregrinação. Recordar-se a peregrinação do povo no deserto, a situação de dependência total em relação a Deus e de liberdade completa em relação ao Criador, cuja experiência ele fez durante o Êxodo. Esse acontecimento histórico da passagem pelo deserto é revivido para suscitar uma atitude de alma que produz uma alegre e pura confiança em Deus (DI SANTE, 1989).

Forçados, tantas vezes, a abandonar sua terra de origem, os judeus criaram firmes raízes em suas tradições, em seu modo de vida, em seus valores éticos e princípios morais, em sua inabalável lealdade a Deus. Impossibilitados de se fixarem geograficamente, eles se fixaram espiritualmente. A *sukká* simboliza, no sentido mais profundo, a resistência do povo judeu. Por ser uma habitação pequena, sem compartimentos, a *sukká* obriga seus moradores a aproximarem-se física e afetivamente, e quiçá os acicatar a se manterem unidos nos outros dias do ano (JACOBSON, 2003).

O hábito de morar em cabana (*sukká*) ganhou foros de prescrição ritual tão característico que nos livros bíblicos se generalizou, sob a etiqueta de “Festa dos Tabernáculos”, que sem se desligar do sentido agrícola original veio a enriquecer-se com a memória do Êxodo e posteriormente com a sua solenização pela dinastia davídica (Dt 16,13; Lv 23,39-43). Mas, só após a sua celebração sob Esdras (Ne 8), é que tudo nela passou a ser minuciosamente prescrito (PORTO, 1929).

Sukkot, Lulav e a libação da água

A busca de conhecimento -, sobre a festa de *Sukkot* e, nela a tradição do *Lulav*, - chama a atenção, quando se olha tanto para o *Lulav* como para sua simbologia, logo, trazemos em mente uma festa cristã, que se aproxima do rito e da simbologia do *Lulav*: a festa do Domingo de Ramos. Há uma semelhança entre os ritos e ambos falam da vinda do

25 Para melhor compreensão do ciclo das festas bíblicas ver o livro, MIRANDA; RAMOS, 2020.

Messias, o que permite uma aproximação mais coerente com o ensinamento de Jesus veiculado pelo evangelista João:

No último dia da festa, o mais solene, Jesus, de pé, disse em alta voz: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba, aquele que crê em mim!” conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva. Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham crido nele; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado. (Jo 7,37-39)

No evangelho segundo João, descrito acima, encontra-se esse testemunho do rito da libação de água, e o clima de festividade era tal, que, segundo a *Mishná*, “quem não viu a alegria de tocar a água (*Simhat bet ha-sho'evav*) jamais experimentou em sua vida o que seja alegria” (*Sukká* 5,1). Segundo Di Sante (1989), o rito se desenvolvia da seguinte maneira: no período do Templo, a partir da segunda tarde da festa, os Sacerdotes, os Levitas e o Povo se reuniam no pátio do Templo, com seus espaços especiais para homens e mulheres. Eis que iam em procissão buscar em jarras douradas solenemente água na piscina de Siloé, passando pela Porta das Águas. Elas eram levadas em procissão com alegria e com luzes, até o átrio do Templo, acompanhadas pela população em festa, que traziam tochas e lanternas iluminando todo o caminho e o pátio do Templo. Dançavam, cantavam os salmos de peregrinação e tocavam instrumentos musicais e, em coro, entoavam o estribilho: “Com alegria bebereis água do manancial da salvação” (Is 12,3).

Essa cerimônia é baseada na *Halakhá* que, “nos Tabernáculos, o julgamento já passou em relação à chuva” (*Mish R. Has* 11,2). Como disse o Rabbi Aquiba: “Porque a *Torah* nos mandou espalhar água em Tabernáculos? O Santo, Bendito seja, disse: Despeja água diante de mim em *Sukkot*, de modo que sejas abençoado com chuva” (*R. Hash* 16a). Isto tem uma conexão óbvia com a estação do ano em Israel. A origem dessa cerimônia é desconhecida, mas sua instituição tornou-se tão popular e importante nos dias do Templo. Esse rito se realizava com grandes manifestações de alegria, e a *mitzvá* de tocar o *shofar*²⁶ estava associada a ela. No Templo, no pátio das mulheres, acendiam-se grandes candelabros, que iluminavam toda Jerusalém e não havia pátios, em Jerusalém, que não fossem iluminados por luzes do Templo (*Mishná Sukká* 5,1 e 3). A água era utilizada no altar do Templo, para aí se fazerem as libações, em que a água era misturada ao vinho e aspergida sobre os quatro cantos do altar do Templo de Jerusalém.

Ela estava ligada provavelmente à próxima chegada das chuvas. A Libação de Água tinha se tornado um rito de súplica pela obtenção das chuvas. E vale ressaltar que o *Lulav* conferia uma expressão simbólica para as preces e bênção d'água. Ao balançar as Quatro Espécies, em todas as seis direções, simbolicamente se dirige, Àquele que sustenta o mundo inteiro: “Da mesma forma que estas Quatro Espécies não podem existir sem água, assim o mundo não existe sem água. E quando o Senhor nos der água, não deixa que vento ou orvalho estraguem Sua bênção” (*Mishná Sukká*, 5).

A *Tosefta Suk* 3,3-13 dedica uma ampla seção ao rito da Libação da Água. Nela, o rito é associado ao rio de

26 *Shofar* - A raiz hebraica SH-F-R (שפר) significa “melhorar, reformar, recuperar”. Mas o substantivo, o *shofar* (שופר), quer dizer literalmente “chifre”, de preferência de um carneiro. Tradicionalmente, os sefarditas usam um chifre curto, os asquenazitas preferem um chifre mais longo e curvado. O *shofar* só pode fazer um único som. De modo geral, o seu principal significado é o sacrifício de Isaac. Ao comemorar este acontecimento com o “*shofar*” feito de chifre de carneiro, confirmamos nossos próprios sacrifícios e pedimos a Deus a força necessária para poder cumprir nossos deveres, como dignos descendentes de Abraão.

água escatológico de Ez 47,1-12 e Zc 14,8, seguido por uma curiosa referência às águas da criação e da rocha do deserto. Além do mais, dentro da tradição *mishnaica*, ela tinha adquirido motivações histórico-teológicas envolvendo temas como a água da criação, a rocha do deserto e, enfim, a vinda do Espírito Santo (PASSETO, 2022). Desse modo, a água se torna o símbolo do Espírito Santo. Rabbi Yeshua Ben Levi disse: “Por que se chama *Beit ha Sho’eva* (casa onde se tira/busca água)? Porque é dela que se recebe o Espírito Santo, segundo o que está escrito Is 12,3: ‘Na alegria fareis sair água dos mananciais da Salvação’” (*TJ Sukká* 5, 1, 51a).

Esse rito desapareceu com a destruição do Templo, mas ficaram leves traços na liturgia sinagoga, na chamada *tefillá geshem*, oração pela chuva. Assim, a festa era, antes de qualquer coisa, uma oração de súplica pela chuva, pois uma terra tão ameaçada pela seca tinha uma necessidade vital das águas da chuva. Mas depois o rito transformou-se numa recordação histórico-salvífica da água que Deus tinha dado aos judeus durante a sua peregrinação pelo deserto, como resposta às suas dúvidas e angústias (Num 20,1-13).

Retomando, a partir do ponto de vista cristão, as palavras de Jesus, em relação à festa das Cabanas, no último dia da festa em que se celebra a Libação, João nos transmite: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba, aquele que crê em mim, conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37-38). Aqui Jesus proclama a sua própria identidade, citando as Escrituras. O texto lembra primeiramente água e normalmente abundante.

A menção à água da vida rememora os textos dos relatos da água da rocha de Ex 17,6 (Sl 78,15-16; 105,41), pois João fala de fonte e de beber. A afirmação de Jesus como água viva é de Zc 13,1 e, no mesmo espírito, em Zc 14,8. São todos textos proféticos que anunciam a transformação e a perfeição da realidade (PASSETO, 2022). Como visto antes, os textos litúrgicos proclamam a vivacidade da festa onde a água é um dos elementos centrais da celebração. É o sinal concreto da presença de Deus vivido na festa.

Apresenta-se, também, a água abundante que sai do Templo e que é fonte de vida por onde ela passa em Ez 47, Jl 4,18 e Zc 14,8. Por fim, a água que brotava do rochedo tornou-se uma esperança messiânica: Moisés tinha dado a Israel, durante a sua peregrinação pelo deserto, o pão do céu e água do rochedo. Consequentemente, espera-se também do “novo Moisés”, isto é, do Messias, esses dois dons essenciais da vida (ARAUJO, 2011). Essa explicação messiânica da água do rochedo reflete-se na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios: “Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo” (1 Cor 10,3s).

Bento XVI (2007, p. 214) explica:

Na palavra que Jesus proclama no rito da água, Ele responde a esta esperança: Ele é o novo Moisés. Ele mesmo é a rocha que oferece a vida. Tal como Ele no discurso do pão se revela como o verdadeiro pão que vem do céu, igualmente aqui - de modo semelhante ao que ocorrera com a samaritana -, Ele se revela como a água viva que a sede profunda do homem deseja - a sede de vida, de “vida em plenitude” (Jo 10,10); uma vida que já não é marcada pela sede que deve ser sempre saciada, mas uma vida que a partir de seu interior a si mesma se sacia. Jesus também responde à pergunta: como é que se bebe desta água da vida? Como se vai à fonte e se tira água de lá? “Quem acredita em mim...” A fé em Jesus é o modo de beber dessa água da vida, de beber da vida que nunca mais é ameaçada pela morte.

Jesus ensina sobre sua origem divina e que é o Messias, o enviado do Pai (Jo 7,28-30). O cristão, no Domingo de Ramos, também balança os ramos de palmeira, representando que o Filho de Davi se faz presente. Assim, nessa perspectiva, quando Jesus está, em Jerusalém, celebrando *Sukkot*, manifesta-se como o Messias esperado. Jesus se torna não só o motivo da alegria, mas é o derramar da Graça Divina no meio da criação. Ele é o Rochedo de onde brota a água da vida, que dá à criação o seu sustento. Ele é o fogo que ilumina Israel que, do cimo da cruz, é a Luz que clareia o mundo inteiro com a Sua ressurreição. É n'Ele que todos se reúnem e estão reunidos. Torna-se a seiva do galho que une todas as criaturas em si e é dentro da *Sukká* Messiânica que se une todos em um só espírito e em um só coração. Através de tudo isso, os temas de *Sukkot* estão entrelaçados lindamente no Cristo: redenção, *shalom* universal e fraternidade, completude e unidade de toda a criação.

João termina essa parte de seu relato (vv. 37-39) de maneira muito precisa e em perfeita harmonia com a teologia da festa de *Sukkot*, respeitando perfeitamente seu ciclo litúrgico e, ao mesmo tempo, anunciando sua plenitude. Isto é, “Jesus se apresenta como ‘fonte de água viva’, e que é o portador do Espírito Santo” (PASSETO, 2022, p. 15). E introduz os elementos que o *Talmud* de Jerusalém apresenta interpretando Isaías: na alegria transbordante da presença de Deus, entre danças, juntando a eles a água como fonte de salvação de onde emana o Espírito Santo (TJ *Sukká* 5, 1, 51a), como já visto acima.

Vir beber a água do Cristo se relaciona também com Is 55,1-3: “Ó todos que estais com sede, vinde para as águas, mesmo aquele que não tem dinheiro, vinde!”.

É de se supor que Jesus tenha participado, não somente da Festa de *Sukkot*, como faziam os demais judeus observantes, mas Ele deve ter ensinado o valor profundo da Festa aos seus discípulos. João, à luz da ressurreição, introduz Jesus na festa e a interpreta realizando-se n'Ele. Seu significado se cumpre em Jesus. Para João a compreensão da Festa de *Sukkot* explica o acontecimento de Jesus. (PASSETO, 2022, p. 16)

Na moldura da festa das Cabanas, como já explicitado, aparece a solene declaração de Jo 7,37-39, onde o símbolo da água abre a celebração do Espírito dado pelo Cristo crucificado e Ressuscitado (Jo 19,30). Comunicando o dom do Espírito, chama todos para a vida nova em Cristo (Jo 20,19-23). Em outras palavras, postula a plena participação do homem na vida eterna, isto é, na vida divina: “Eu neles e tu em mim” (Jo 17,23). É dentro dessa grande *Sukká* de Deus que se realiza a transcendência do ser humano (PORTO, 1977).

Desse modo, o homem se torna uma “história da salvação” escatológica e adquire a consciência de que ele é uma tenda de uma ação suprema da glória de Deus na nossa *Sukká* comum: o Planeta Terra. Lembrando sempre que é o Senhor que se doa por primeiro no caminho do homem, ela entra em sua geografia e em sua história e Ele se faz Emanuel-Deus conosco e revela-se ao homem. Propõem-lhe feitos de ações, de palavras, de promessas, de alianças e de julgamentos. Em outras palavras, a festa das Cabanas é a alegria da epifania de Deus, que é simbolizada pelas *Arba `ah Minim*, ou seja – o *Lulav*.

Considerações Finais

Levantar as Quatro Espécies e chacoalhá-las é um ato que simboliza, como já apresentado, a consciência

de que Deus está em todo lugar e que Suas dádivas fluem a todos e em todos os lugares a todo tempo, isto é, a criação é invadida pela graça divina, que a abraça com ternura. Por isso, só se reconhece o outro como seu semelhante na busca da unidade, cantada e dançada pelo rito do *Lulav*. A união é uma das bases da existência. Se os homens se conservarem unidos e velarem pelo bem-estar uns dos outros, estaremos construindo o Reino dos Céus já na Nossa Casa (Tenda) comum. Este é o intuito do *Lulav* - a reunião de todas as partes do povo, sem excluir qualquer um que seja, incluindo o estrangeiro e a natureza pois, assim como o Eterno é Um, a humanidade é convidada a ser uma unidade; reconhecer que é Sua imagem e semelhança e deve cuidar da natureza que dela vela. Dessa forma, as Quatro Espécies, tão diferentes, são unidas num só feixe e balançadas juntas, representando a unidade na diversidade, na qual todos devem fazer o mesmo.

Destarte, como já visto, a cabana da festa de *Sukkot* simboliza a fé na proteção e na providência divinas. Não apenas na vida espiritual, mas na vida real, no mundo físico. O ser humano que busca a Tenda do Senhor encontrará nela abrigo, calorosa hospedagem. Na *Sukká*, todos são banhados na luz, para dela sair mais fortes e mais conectados com a essência divina. Assim, a festa de peregrinação conduz à Casa do Senhor, que é a meta do caminho, o oásis desejado no deserto, a Cabana do refúgio na fuga dos inimigos. É o lugar do *shalom*, onde se exprime a bondade e o amor fiel de Deus dia após dia, na alegria serena de um tempo sem fim. Nesse contexto, compreende-se a encarnação de Jesus que, do ponto de vista cristão, é a Tenda onde o Messias Jesus acolhe toda humanidade: “e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14).

Assim, a pedagógica no rito do *Lulav* ensina muito e muito tem a ensinar ainda. Seu simbolismo é fonte inesgotável que fala da presença do Criador que liberta e sustenta seu povo. Em outras palavras, o *Lulav* ensina cada indivíduo o respeito pelos seus semelhantes. Na medida em que cada indivíduo compreende a sua fragilidade, que é a mesma do seu semelhante, passa a querer a unidade e diz não a toda forma de violência e divisão.

Desse modo, o ritual do *Lulav* com todo o seu simbolismo acompanha toda a história e a experiência religiosa do povo de Israel e é fonte de conhecimento para os cristãos, que são discípulos e discípulas de Jesus Cristo. Nesse sentido, as palavras do rabi Jesus de Nazaré ganham a cada interpretação de rito do *Lulav* um novo e profundo sentido. Ele é a fonte de água viva (Jo 7,37-38) que a todos sacia. Ele é a luz do mundo, que a todos ilumina e conduz (Jo 8,12). Ele é o anfitrião generoso que acolhe a todos, onde, em sua Tenda, estão protegidos (Jo 2,19-22) e alimentados (Jo 6). Ele é a água do rochedo! E, como já anunciado, a água é um elemento originário da vida, ou seja, um dos símbolos originários da humanidade. O crente se torna um só com Cristo e participa de sua fecundidade. Tendo amado os seus até o fim (Jo 13,1), deu-lhes o seu novo mandamento do amor (Jo 13,34). O homem que acredita e com o Cristo ama o seu semelhante, torna-se uma fonte que oferece vida. Por isso, seja na festa cristã, Domingo de Ramos, seja em *Sukkot*, ter nas mãos as Quatro Espécies, isto é, o *Lulav*, demonstra que Deus se faz presente e que está diante do Seu povo, porque só Ele e, a partir d’Ele, o homem conhece verdadeiramente a si, pois, o indivíduo só conseguirá amar o outro amando-se a si mesmo. O homem só pode amar a si se for capaz de se deixar ser amado por Deus, ou seja, conhecer-se.

Esse conhecer é reconhecer-se como criatura, pois um conhecer que confina o homem ao que é empírico e inteligível não encontra de modo algum a profundidade própria do homem. O homem só se conhece a si mesmo se

aprender a compreender-se a partir de Deus e só conhece o outro se acolher nele o mistério de Deus. Por isso, na medida em que esse se faz peregrino para o encontro com o Senhor, é invadido pela graça, unindo-se a Ele. Deus vem ao seu encontro e ele ao encontro de Deus e, em suas mãos, o *Lulav* é tudo o que ele anuncia.

Referências

ARAÚJO, Gilvan Leite de. **Histórias da festa judaica das Tendias**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ALPER, Shabsi. **Comemore as grandes festas**. São Paulo: Beit Chad Central, 2020.

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. Primeira parte: do Batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

BIBLIOTECA SEFARIA.

Disponível em: <https://www.sefaria.org/texts>. Acesso em: 01 jun. 2020

_____. **Mishnah Sucá 4**. Disponível em:

https://www.sefaria.org/Mishnah_Sukkah.4.1?ven=William_Davidson_Edition_-_English&vhe=Torat_Emet_357&lang=bi&with=all&lang2=en. Acesso em 05 jun. 2020.

_____. **Mishnah Kiddushin 3:12**. Disponível em: https://www.sefaria.org/Mishnah_Kiddushin.3.12?ven=William_Davidson_Edition_-_English&vhe=Torat_Emet_357&lang=bi. Acesso em 06 jun. 2020.

_____. **Sefer Ha Chinukh**. Disponível em:

https://www.sefaria.org/Sefer_HaChinukh?tab=contents. Acesso em 20 jun. 2020.

_____. **Shemoneh Esrei**. Disponível em:

<https://www.sefaria.org/topics/shemoneh-esrei?tab=sources>. Acesso em 20 jun. 2020.

_____. **Talmud Sukkah 41a**. Disponível em:

https://www.sefaria.org/Sukkah.41b.4?ven=William_Davidson_Edition_-_English&vhe=William_Davidson_Edition_-_Vocalized_Aramaic&lang=bi.

Acesso em 06 jun. 2020.

_____. **Vayikra Rabá 30:12**. Disponível em: https://www.sefaria.org/Vayikra_Rabbah.30.12?ven=Sefaria_Community_Translation&vhe=Midrash_Rabbah_-_TE&lang=bi&with=all&lang2=en.

Acesso em 05 jun. 2020.

BLECH, Benjamim. **O mais completo guia sobre o Judaísmo**. Tradução Uri Lam. São Paulo: Ed. Sêfer, 2004.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003.

DI SANTE, Carmine. **Israel em Oração as Origens da Liturgia Cristã**. tradução João Aníbal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

JACOBSON, Simon. **60 Days: A Spiritual Guide to the High Holidays**. New York Kiyum Pr, 2003.

MIRANDA, Manoel; Ramos, Marivan Soares. **O ciclo das festas bíblicas na Escritura e na Tradição judaico-cristãs**. São Paulo: Fons Sapientiae; CCDEJ 2020.

PASSETO, Elio. **Uma percepção sobre a Festa de Sukkot na tradição bíblica-judaica e sua relação com a literatura joanina**. Jerusalém, 2022 (cedido pelo autor em conferências ao noviciado de Sion no mês de junho 2022)

PASSETO, Elio. **Liturgia e Festas Judaicas**. Jerusalém 2022 (cedido pelo autor em conferências ao noviciado de Sion no mês de junho 2022).

PORTO, Humberto. **Liturgia Judaica e Liturgia Cristã**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977.

SOBEL, Henry I. **Os “porquês” do Judaísmo**. São Paulo: Congregação Israelita Paulista, 1983.

SIEGEL, Richard. STRASSFELD, Michael. STRASSFELD, Susan. **The Jewish Catalog: A Do-It Yourself-Kit**. Filadelfia, Jewish Publication Society, 1973

WROBEL, Ronaldo. **Nossas Festas: Celebrações Judaicas**. Rio de Janeiro: Francis, 2007.